



CARLOS NETO

→ Carlos Neto, Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Motricidade Humana, de que foi presidente entre 2010 e 2014, e onde liderou os Conselhos Pedagógico e Científico, deu uma 'aula' no 'Conselho de Estádio' sobre uma matéria em que é um dos maiores especialistas à escala global, o desenvolvimento das crianças, afirmando: «Primeiro brinca-se, depois joga-se e só a seguir se pratica desporto.» Numa conversa que nos levou pelos labirintos da era digital e pelo chamado desporto de sofá, Carlos Neto não teve dúvidas em considerar Portugal, campeão europeu do sedentarismo.



«Os dispositivos digitais vão ter o mesmo impacto do tabagismo na saúde pública»

por VÍTOR SERPA e JOSÉ MANUEL DELGADO

VÍTOR SERPA (vs) — Bem vindo, Professor, às novas instalações de uma A BOLA, já voltada para o futuro. A sua visão é de que crianças hoje estão 'presas', e precisam de ser 'libertadas' rapidamente, para que possam ter um futuro diferente do que se vê no atual estado de sedentarismo...

CARLOS NETO — Trata-se de uma causa que defendo há mais de 50 anos. É necessário ter uma visão interventiva e também uma conceção de quais devem ser os contextos em que as crianças devem viver para terem um desenvolvimento motor, perceptivo, cognitivo, emocional e social, adequados. O mundo tem mudado muito rapidamente. Nos últimos 30, 40 anos, houve um declínio muito grande, do ponto de vista das oportunidades de tempo e espaço, para que as crianças possam ter acesso a uma brincadeira de rua, que na verdade desapareceu. Olhamos para as cidades, para as ruas, e não vemos crianças ativas. E tudo isto tem muitas consequências, num momento em que há também uma

transição digital, e as crianças ficam apanhadas em ecrãs onde há narrativas simbólicas, poderosas, que as colocam sentadas, o que para mim é uma das maiores pandemias deste século.

VS — E essas rotinas têm sido muito limitadoras, até porque as crianças têm atividades muito organizadas, muito formatadas...

— As crianças passam dez horas em média na escola, por dia. E a introdução dos novos dispositivos digitais convida as crianças à inatividade. Temos um problema gravíssimo de saúde mental e de saúde física, porque todos os números indicam que as capacidades motoras das crianças diminuíram consideravelmente, muito agravadas pela

pandemia. Existe um problema que não é só nacional, e que, do meu ponto de vista, terá algumas consequências a curto e médio prazo ao nível das necessidades e também das motivações que acompanham estas crianças para fazerem atividade física, serem ativas e praticarem desporto.

José Manuel Delgado (JMD) — O que é que o Estado pode fazer, que ainda não tenha sido feito, em relação a esta matéria?

— Em primeiro lugar devia ser implementada uma estratégia nacional, que considerasse que a educação física escolar deveria ter muito mais horas do que tem. O desporto escolar devia ser mais estruturado e mais ativo. Por outro lado, devia in-

“**Somos campeões europeus do sedentarismo porque 73% dos portugueses não praticam uma atividade física sistemática**”

crementar-se o apoio ao desenvolvimento desportivo municipal, local, e também aos clubes desportivos, que atraísse estas crianças que hoje têm um convite a desviar-se para outros interesses, que estão no

domínio da cultura digital. Mais a mais quando, com a introdução de inteligência artificial, não conseguimos perceber como será o futuro. É tudo irreconhecível, imprevisível, e incerto.

VS — Portanto, hoje temos um corpo sedentário e inativo, numa sociedade adversa ao risco, que não dá importância à autonomia e à independência da mobilidade das crianças, apanhadas por uma super proteção parental, muitas vezes patológica...

— O que não faz sentido, porque Portugal é um dos países mais seguros e visitados do mundo. Podíamos ser um oásis neste canto da Europa.

→ Continua na pág. 16

Área: 3307cm² / 118%

FOTO Titagem: 128.080

Cores: 4 Cores

ID: 7855535



«A especialização precoce é o caminho mais rápido para o abandono desportivo»

Porém, existe uma completa desconexão com a natureza, os corredores ecológicos desapareceram, e numa escola tudo é plástico, tudo é sintético, tudo é metal. Também vemos frequentemente estilos de vida parentais em que, de facto, o digital tomou um lugar no quotidiano de crianças, completamente hipnotizadas e sentadas.

VS — É, até, o elemento central de muitas famílias...

— Hoje conhecem-se inúmeros aspectos negativos, entre os quais a falta de experiências com o corpo em situações inusitadas, mesmo em situações de risco. O confronto com o risco é uma das coisas mais importantes.

JMD — As crianças agora vivem em ambientes controlados...

— Todos os animais brincam na infância e o ser humano não foge à regra. Portanto, brincar é uma forma de aprender a sobreviver, superar as adversidades e potenciar a adaptação. Brincar desenvolve tudo isso, que é o que fazíamos na nossa infância. Hoje, a sociedade está cheia de medo. Na escola, na comunidade, em casa, está tudo cheio de medo.

AS CRIANÇAS 'LIMPAS'

JMD — As crianças são vítimas do politicamente correto?

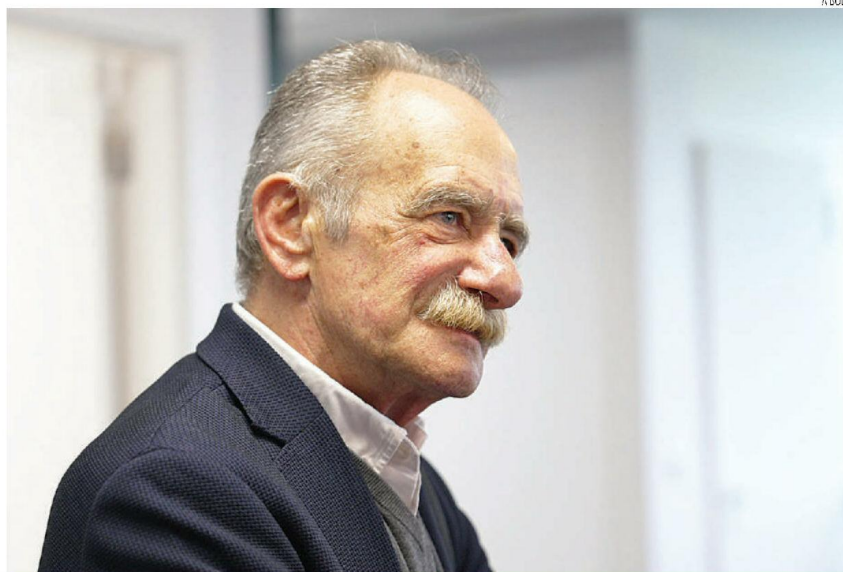
— Exatamente. Hoje, cá, temos crianças limpas. Não temos crianças que tenham a capacidade de serem selvagens, como temos no Norte da Europa, onde há uma educação mais livre, e as crianças enfrentam os perigos da natureza. Descemos à bacia do Mediterrâneo, e vemos crianças completamente controladas pelos pais, pelos professores e pela sociedade em geral.

VS — Mas já existem algumas práticas municipais interessantes para devolver o espaço público às crianças.

— Tem de haver uma preocupação de natureza ecológica, que deve existir na formação corporal, motora e desportiva. Primeiro brinca-se, depois joga-se e só depois é que se pratica desporto. Temos de respeitar essas fases de desenvolvimento, e garantir que as crianças vão conquistando essas habilidades motoras no tempo certo, não querendo fazer uma especialização precoce que é o caminho mais rápido para o abandono desportivo.

VS — Neste momento, a sensação que tenho é que nem os pais estão muito conscientes desta realidade, e, infelizmente, nem a escola o está...

— A escola parou no tempo. Coloco o dedo na ferida numa questão que, do meu ponto de vista, da mi-



«Temos uma ideia do que é o desporto escolar, mas a sua materialização apresenta muitas insuficiências. Não temos uma estratégia definida»

nha análise, e dos dados científicos de que dispomos, é absolutamente essencial e pertinente. Hoje a escola é quem promove o sedentarismo, porque se foca excessivamente nas aquisições académicas. Preocupam-se, sobretudo, em garantir que os jovens têm meios para ingressar no ensino superior, e a família tem como única preocupação que os seus filhos tenham sucesso em áreas socialmente úteis, ou naquelas que são fundamentais, e depois socialmente lucrativas. E, assim, o corpo é desvalorizado e esquecido. Costumo dizer que o corpo, sem o cérebro, fica à porta da escola.

JMD — Mas a verdade é que se os jovens não tiverem boas notas não progredem nas carreiras académicas, e não há uma compatibilização adequada entre essa necessidade e a possibilidade da prática desportiva...

— Tem que haver aqui uma grande preocupação dos pais e das instituições no sentido de existirem programas desportivos que atinjam um elevado nível de competição. Já temos

alguns modelos interessantes na sociedade portuguesa de relação entre apoio escolar e apoio desportivo. E há clubes que fazem um excelente trabalho nesse sentido. Porém, estamos longe de ter um modelo estratégico de intervenção.

JMD — Mas é possível, em Portugal, falarmos em desporto escolar?

— Diria que temos uma ideia do que é o desporto escolar. Mas a sua materialização apresenta muitas insuficiências. Não temos uma estratégia nacional bem definida em relação ao que deveria ser o desporto escolar.

JMD — Há necessidade, do ponto de vista político, de um acordo de regime em relação ao futuro do desporto?

— Creio que sim. Sobretudo, é preciso discutir onde deve situar-se o desporto escolar, já que nunca houve essa definição. Devia haver um Ministério do Desporto que tivesse capacidade para organizar todas essas áreas numa dimensão mais estruturada, mais ecológica, mais inter-

ativa e mais participativa, que não existe.

JMD — Na recente campanha eleitoral o desporto foi completamente ignorado. Os números dizem que a média 'per capita', na União Europeia, de gastos com o desporto é de 150 euros, em Portugal é de 50. E que o PRR espanhol — os espanhóis são cinco vezes mais que nós — para o desporto chega aos 600 milhões e o nosso fica-se pelos 10 milhões...

— Há uma grande falta de investimento financeiro em relação à prática desportiva.

VS — Os jovens estão em grande sofrimento, atormentados com vários problemas no seu dia a dia, não só em relação ao 'bullying'...

— Existem problemas de ansiedade, de depressão, até de sentimentos de suicídio, e é preciso ter a ideia de que o desporto é o melhor antidepressivo, é a melhor droga, ainda por cima grátis, que pode salvar estas crianças e jovens, ao terem prazer, porque jogar, brincar e fazer desporto é procura de prazer, é procura de

capacidade de se superar, e de dar sentido à sua existência. Não podemos centrar a nossa atenção apenas nos êxitos e não no processo. A prática da atividade física, do jogo, e do desporto, representa para as crianças e jovens uma forma de criação de identidade.

OS ESPORTS

VS — Como é que enquadram os 'esports' neste contexto?

— Sou muito polémico em relação a essa matéria, e assumi, de forma escrita, juntamente com o meu colega José Manuel Constantino, Presidente do Comité Olímpico de Portugal, uma opinião contrária a considerarmos os Esports como desporto, muito menos olímpico.

VS — Houve um partido, nestas últimas eleições, que praticamente baseou o seu programa sobre o desporto nos 'esports'.

— Claro que é uma fonte de rendimento enorme, já tem uma grande competição com os desportos tradicionais, e não podemos eliminar os esports do futuro. Porém, não podemos confundir, de um ponto de vista ético, de um ponto de vista dos valores, com aquilo que é a história do desenvolvimento do desporto ao longo dos tempos. Para se fazer desporto, tem de ser ativo. Não faz desporto quem vai jogar 10 horas em frente ao ecrã sobre um tema desportivo. O desporto é, acima de tudo, baseado numa matriz que implica dispêndio de energia, que implica capacidade de superação, tendo o corpo em movimento. Logo, não me parece que uma pessoa sentada, com um comando, e frente a uma dimensão virtual, esteja a praticar desporto.

JMD — Recordo-me das justificações científicas que foram apresentadas, às vezes até por pessoas de enorme mérito científico, sobre os benefícios do tabaco...

— O vício da minha geração era o tabaco, o novo vício são os dispositivos digitais, que vão ter o mesmo impacto do tabagismo para a saúde pública. Isso é perfeitamente claro.



Não faz desporto quem joga 10 horas em frente ao ecrã sobre um tema desportivo

VS — Agora, tornou-se numa moda, não é?

— Estamos numa fase muito complexa de transição digital, climática, e educacional, o que torna ainda mais importante demonstrar como a tecnologia 'brincar, jogar e praticar desporto' é absolutamente fundamental para a civilização e para os jovens que estão nas nossas mãos. Deve ser uma prioridade do ponto de vista das políticas públicas.

JMD — Como vê o presente quadro?

— Hoje em dia há crianças que chegam aos 6 anos, 7 anos, e não sabem correr, não sabem atar os sapatos, não sabem suspender o corpo...

JMD — Os sapatos das crianças, agora, fecham-se com velcro...

— Há um analfabetismo motor institucionalizado. Por mais que tenhamos a indicação de que, de um ponto de vista estatístico, temos mais praticantes, também temos, por outro lado, um sedentarismo com uma taxa muito preocupante.

CAMPEÕES DO SEDENTARISMO

VS — Quer concretizar?

— Os dados do Eurobarómetro dizem que 73% dos portugueses não praticam atividade física, de forma regular e sistemática. Por isso é que se costuma dizer que somos campeões europeus do sedentarismo.

JMD — O que é que está aqui em causa?

— As crianças são vítimas do trabalho dos pais, são depositadas na escola com um conjunto de objetivos, e depois o corpo é esquecido, porque nem os recreios, são entusiasman-

JMD — No meu tempo de liceu, as aulas tinham 50 minutos e os 10 minutos de recreio que eram aproveitados exaustivamente para uma 'futebolada'.

— A investigação científica diz-nos, através de estudos retrospectivos, longitudinais e também transversais, que os atletas que atingem maior nível de sucesso são aqueles que tiveram uma infância muito ativa, muito mergulhada na comunidade, no bairro, na rua, e não foram, de facto, feitos em laboratório.

VS — Porém, a questão é que é

impossível, parar o vento com as mãos, e a evolução tecnológica, e a evolução das sociedades corre irremediavelmente numa direção.

— É uma realidade preocupante, os pais, de facto, andam distraídos digitalmente, têm um trabalho intenso, e uma grande parte da população portuguesa vive em precariedade. Temos uma taxa de pobreza muito grande, considerando a nossa relação com os países União Europeia, e uma lei laboral que não ajuda a população portuguesa a ter qualidade de vida familiar. Era preciso mexer na lei laboral e equiparar-la àquilo que os países da Norte da Europa já fizeram há muitos anos: os pais, a partir das três da tarde, vão buscar os filhos à escola e têm a oportunidade de andar com eles no meio da natureza e a fazer experiências.

VS — E os índices de produtividade não são piores, antes pelo contrário.

— Exatamente. Mas o desafio do futuro, não só dos dispositivos digitais. A inteligência artificial é um desafio enorme que vai, inclusivamente, atingir o normal funcionamento da prática do desporto. Temos de começar a pensar sobre a relação entre a ética e a neurotecnologia, que vai ter impacto real, quer na vida do desporto em sentido geral, quer na formação desportiva, quer no desporto de alto rendimento. A curto prazo, no espaço de 10, 15 anos, teremos dispositivos que nós nem imaginamos, que podem alterar completamente as capacidades humanas, como um conjunto de instrumentos que se acoplam ao próprio corpo, e vão transformar completamente tudo isto.

VS — Temos que começar a pensar no 'doping' digital...

— Essa é uma excelente expressão, porque o mundo vai mudar muito rapidamente, e de forma desconhecida, imprevisível. Perante esta ra-

pidex, a escola ficou no mesmo sítio; e a preocupação que pessoalmente tenho é por não estarmos a respeitar alguns aspetos fundamentais do desenvolvimento motor, algo de que não podemos prescindir. Há uma lei biológica básica, da necessidade de exprimir energia.

TREINADORES E PAIS

VS — Há uma diversidade enorme de talentos que deveríamos respeitar mais nas fases individuais de desenvolvimento?

— A sugestão que eu daria é que deveríamos repensar a formação de treinadores, e a formação parental. É inaceitável o que se passa aí nos clubes, nos espaços, nas instalações desportivas, quanto ao comportamento dos pais. As questões éticas e morais devem ser asseguradas, e devemos ter uma atenção especial sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, que antes de ser um atleta e um cidadão, é uma pessoa.

VS — Precisamos de melhorar a capacidade de organização do contexto desportivo para que possamos dar passos mais largos.

— Ainda recentemente tive oportunidade de ter uma colaboração com a Federação Portuguesa de Futebol no projeto SuperQuinas, que visa pôr as crianças da escola pública a jogar e a brincar, para ganhar essas competências, num espaço que se chama Atividades de Enriquecimento Cur-

ricular. Já temos cerca de 16 mil crianças mobilizadas.

VS — E não necessariamente vocacionadas só para o futebol?

— Não visa o futebol, mas a aquisição de competências motoras gerais, brincando livremente, divertindo-se e tendo prazer.

JMD — Acho muito bem que a Federação Portuguesa de Futebol faça isso, porque tem meios e gente com visão, mas isso não devia ser matéria para o Estado?

— Do meu ponto de vista, sim. Este é um projeto tripartido onde entram também as autarquias e o Ministério da Educação. Mas deveria ser uma missão do Estado.

JOGOS OLÍMPICOS

VS — Falando dos Jogos Olímpicos, e a propósito da linguagem universal do desporto, faz sentido que a propósito da guerra da Rússia contra a Ucrânia, os atletas da Rússia e da Bielorrússia, não possam entrar no desfile de abertura, em Paris?

— No meu entendimento, não. Porque, na verdade, a definição do ideal olímpico é de convivência entre culturas, entre diversidade de povos, entre situações geográficas. Os Jogos Olímpicos sempre foram uma forma de integração, uma forma de cultura universal. Vejo com grande preocupação a interferência política nas decisões que têm sido tomadas, tendo em conta o que está a acontecer no mundo.

JMD — Mas permitir aos atletas da Rússia e da Bielorrússia o acesso à competição, mesmo sem bandeira, não é, neste contexto, razoável?

— Pessoalmente, tenho uma visão de que o desporto está acima de tudo isso. O espírito olímpico que deve existir com *fair play*, e com valores como saber respeitar o adversário, saber respeitar o parceiro, de forma independente. É claro que não pode faltar capacidade crítica, mas o desporto é integrador. Do ponto de vista filosófico, a sua expressão implica sempre integração e inclusão, e nunca o contrário.

JMD — E do ponto de vista pedagógico?

— Um dos aspetos mais importantes que deve existir na formação das crianças e jovens, é exatamente esse comportamento ancestral que está dentro do animal social e cultural, que é o ser humano. Poder perseguir o outro, fugir dele, matá-lo pela luta, civilizar o corpo, brincar de briga, brincar de esconde-esconde, fugir, perseguir, como são muitas das brincadeiras das crianças, é uma forma de enfrentar a morte. E quando se enfrenta a morte, dá-se sentido à vida. O ser humano é o único animal capaz de perceber o que é

perder, o que é ganhar, o que é matar, de forma simbólica. E é preciso que o prazer de fazê-lo seja incitado nos primeiros anos, e não esquecido. Temos que humanizar essa agressividade que está dentro de nós. O jogo e o desporto são a melhor forma de civilizar o corpo humano nesta agressividade latente nos conduz.

JMD — Segundo Desmond Morris, na 'Tribo do Futebol', o futebol é a metáfora do tribalismo e da caça...

— Nas minhas aulas, eu *matto* os meus alunos, eles *matam-me*, e somos amigos para o resto da vida. E se prestarmos atenção às nossas memórias de infância, o mais interessante que ficou são atividades de grande risco e grande enfrentamento. E muitas vezes até ficaram algumas nódoas negras no corpo, mas que foram altamente agradáveis, com um significado intrínseco elevado, com uma motivação intrínseca fantástica, e que nos ajudaram a crescer, a ter a capacidade de resiliência, a capacidade de adaptação, e isso permitiu-nos mais tarde, com a adolescência, conseguir superar situações difíceis. O que acontece hoje é que estamos a formar crianças e jovens com grande imaturidade, porque não lhes damos essas oportunidades, nem em casa, nem na escola, nem na rua. Hoje as crianças quase não têm a possibilidade de ter amigos.

VS — Tudo o que falamos aqui tem a ver com formação humana. Quando dizemos que o corpo é esquecido, e que isso leva os jovens a crescer num contexto civilizacional que provavelmente conduzirá a uma sociedade diferente, poderá levar a estarmos mais próximos da intolerância dos países e dos regimes?

— Não tenho dúvidas sobre isso. Defendo a capacidade de sermos inteligentes na construção do futuro, no sentido de não perder de vista que precisamos, como seres biológicos, de ter contacto com a natureza, desafios, capacidade adaptativa em relação ao mundo real. São experiências fundamentais para a nossa capacidade de ler a realidade, de ter os pés no chão, de sentir o que é o mundo físico, mas ao mesmo tempo não esquecer que a inteligência artificial e as inovações eletrónicas passaram a ser uma ferramenta essencial para desenvolver o conhecimento. O futuro será absolutamente extraordinário, não tenho dúvidas, é uma nova era que se abre.

VS — E o desporto?

— O desporto terá que se reinventar, mantendo as características com que um ser humano precisa de confrontar-se, despendendo energia, suportar-se. Como dizia Marcel Mauss, as técnicas corporais não podem desaparecer do nosso vocabulário do dia a dia, porque sem corpo não existimos.

O jogo e o desporto são a melhor forma de civilizar o corpo humano nesta agressividade latente que nos conduz



Vitor Serpa com Carlos Neto, antes do 'Conselho de Estádio', na nova 'casa' de A BOLA